

“*Méphis, le prolétaire*”: o pensamento sociopolítico na literatura de Flora Tristán

Palavras-Chave: FLORA TRISTÁN, SOCIALISMO UTÓPICO, LITERATURA

Autores(as):

BEATRIZ FERRAZ DELBEL MARTINEZ GORI, IFCH – UNICAMP

Prof. Dr. FABIO MASCARO QUERIDO, IFCH – UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Nascida no ano de 1803, Flore Célestine Thérèse Henriette Tristan Moscoso foi uma escritora franco-peruana, conhecida como uma das precursoras das ideias dos movimentos feminista, sindicalista e socialista no século XIX. Como pensadora, utilizou diferentes gêneros de escrita como meio de expressar suas ideias, a exemplo do romance, relatos de viagens, pesquisas de campo e seu tão importante manifesto “União Operária” (1843), com o qual fazia um apelo para que os operários da época incluíssem as mulheres nas lutas sindicais. Assim como outras pensadoras do século XIX recorreram à escrita para explicitar suas preocupações sociopolíticas (Grogan, 1998), Tristán fez uso do meio literário, mas com uma perspectiva socialista e feminista considerada radical para a época.

Dentre os diversos escritos de Tristán, “*Méphis, le prolétaire*” (1838) é um romance de destaque, pouco estudado e lido no Brasil, por não ter sido traduzido para o português e nem para o inglês. O primeiro volume é focado no proletário Jean Labarre, posteriormente chamado de Méphis; personagem nascido em uma família grande e pobre, filho de pescador, que ao longo de sua vida foi descobrindo as injustiças da sociedade por conta de sua condição financeira. O segundo volume é focado na amante de Méphis, Maréquita, uma mulher solitária em busca de um amor verdadeiro, que vai aos poucos compreendendo seu sofrimento advindo da exploração (Grogan, 1998).

Diferentemente das demais obras da autora, “*Méphis le prolétaire*” é literatura ficcional, que chama a atenção desde seu título, por tratar da condição social do proletariado. Além disso, a forma romântica de escrita também pode apontar para objetivos específicos, como o público-alvo que a autora pretendia atingir e a forma de mobilizá-lo, já que a literatura no século XIX possuía uma certa limitação de classe (Williams, 2012).

Ao tratar sobre o proletário Méphis, o romance em questão possui grande relação com a visão social de Tristán, que tinha o propósito de construir uma unidade sólida da classe trabalhadora para a luta em busca de direitos, igualdade e condições de vida humanitárias. Com base nisso, busco compreender como o pensamento sociopolítico de Flora Tristán está presente no livro “*Méphis, le prolétaire*”, e se suas ideias se baseiam em uma estrutura de sentimento socialista utópica, utilizando o conceito de Raymond Williams. Segundo ele, a “estrutura de sentimento” designa o “pensamento tal como sentido, e o sentimento tal como pensado”, o que permite captar o modo como os grupos sociais compartilham experiências sociais e culturais específicas (Cevasco, 2001), que neste caso estariam ligadas ao socialismo utópico.

Devido à oportunidade de um intercâmbio de estudos na China no primeiro semestre de 2025, a presente pesquisa precisou ser interrompida em março deste mesmo ano. Como resultado disso, apenas o primeiro volume do livro tratado pôde ser estudado e analisado com maior profundidade. As informações a respeito do segundo volume foram majoritariamente resgatadas do livro *Flora Tristan: socialismo y feminismo en el siglo XIX*, de Jean Baelen (1974).

METODOLOGIA:

Para alcançar o objetivo de encontrar as conexões entre o pensamento sociopolítico de Flora Tristán e a história de seu romance “*Méphis, le prolétaire*”, foi feita uma leitura biográfica da autora. Os principais livros usados como referência para esse estudo foram: *Flora Tristan: Life Stories*, de Susan Grogan (1998), e *Flora Tristan: socialismo y feminismo en el siglo XIX*, de Jean Baelen (1974).

Posteriormente, iniciei a análise bibliográfica de Méphis, observando a construção da história, a estrutura da obra, a relação entre os personagens e o contato deles com o mundo político-social narrado. Todos esses pontos foram fichados e transformados em dados para a análise comparativa com o pensamento sociopolítico de Tristán. Além disso, os tópicos foram discutidos periodicamente em reuniões de orientação com o Prof. Fábio Mascaro Querido.

Posteriormente, me debrucei sobre textos metodológicos de análise bibliográfica, mais especificamente de literatura social, para uma investigação mais aprofundada das relações entre a obra e a autora. Além disso, me aprofundi nos conceitos de “estrutura de sentimento”, do autor Raymond Williams, e “visão de mundo”, de Lucien Goldmann, para tratar da hipótese de que Flora estaria inserida na vertente socialista utópica. Por fim, realizei um exame comparativo dos dados fichados sobre “*Méphis, le prolétaire*” e as informações a respeito da biografia de Flora Tristán, o contexto em que vivia e seu posicionamento político.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Baseado na leitura do primeiro volume do romance, percebe-se a tentativa de Flora Tristán em mostrar diferentes facetas da opressão e da exploração do trabalhador no século XIX, representado pela figura de Jean Labarre, posteriormente apelidado de Méphis. Ao longo da narrativa, o personagem passa por situações de miséria, discriminação social, exploração de sua força de trabalho, encarceramento, ridicularização de ideais feministas e liberais, dentre outras. Flora, dessa maneira, busca retratar um panorama com diversos problemas sociais reais representados na figura de um personagem fictício.

A obra ficcional, em especial o romance, reflete em certa medida a sociedade e os valores da época na qual foi escrito (Goldmann, 1990). Ele teria, então, um caráter social, visto que apenas um grupo é capaz de estabelecer um sistema coerente de pensamentos, chamado por Goldmann de “visão de mundo”. O conceito pode ser resumido, nas palavras do próprio autor, como o “máximo de consciência possível de uma classe” (Goldmann, 1966, p. 47), consciência esta passível de ser expressa no plano da criação, mais especificamente no romance, como se reflete no trabalho de Tristán.

Tratando de personagens que sofreram diferentes tipos de exploração e opressão, sendo relacionadas a gênero e classe social, a autora apresenta em “*Méphis, le prolétaire*” uma crítica social

baseada em sua vivência e nas mudanças que a sociedade sofria no século XIX, em especial as Revoluções Industriais europeias e o surgimento de pensadores com caráter socialista, como Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Robert Owen (1771-1858).

Sabemos através de outros escritos de Flora Tristán, como fica explícito em “União Operária” (1843), que ela estava envolvida em lutas sindicalistas e socialistas pré-Marx, cujos ideais foram chamados de socialistas utópicos, muito difundidos na França do início do século XIX. Suas principais características, atribuídas a eles pelos socialistas científicos, eram as soluções irreais em relação ao capitalismo, a conscientização para mudança social, e a crença na base comportamental humana residindo no caráter moral/ideológico.

Com o surgimento do socialismo científico a partir de Karl Marx e Friedrich Engels, essas ideias “utópicas” foram consideradas ultrapassadas, pois suas soluções para os problemas da sociedade capitalista seriam irreais, mais reformistas do que de fato revolucionárias. Algumas características importantes, porém, seriam perdidas nesta transição utópico-científico, como afirma José Barreto (1976) ao analisar o livro de Engels. Uma das principais perdas seria a flexibilidade teórica dos utopistas, que permitia o uso de suas ideias em diferentes lugares e contextos históricos. Além disso, Barreto demonstra que a hostilidade em relação aos socialistas utópicos é infundada, pois “a fertilidade do projeto socialista está primeiramente na liberdade imaginativa e criadora da sua função utópica” (Barreto, 1976, p. 589), e sem ela o socialismo científico não poderia ter sido concebido.

CONCLUSÕES:

Através de *Méphis, le prolétaire*, podemos encontrar uma visão de mundo ou estrutura de sentimento compartilhada entre os escritores da época, em especial os da vertente socialista utópica. Isso se deve, em primeiro lugar, pelo formato de novela/confissão social que Flora Tristán decidiu utilizar, em concordância com a moda em um momento no qual o público literário tornou-se mais numeroso e menos aristocrata (Baelen, 1974). Ela percebeu que os diálogos sustentam um discurso de ação dentro da literatura, facilitando ao leitor a “digestão” de uma ideologia (Baelen, 1974).

Além do formato, o conteúdo abordado por Tristán ao se referir a um proletário e os problemas pelo qual passou na sociedade francesa, desde a busca por trabalho até os males da riqueza, caracteriza um romance social de orientação anticapitalista, no qual ela insere uma vertente maximalista de feminismo ao tratar do papel da mulher como guia da humanidade e entidade superior. Esse papel, em última instância, daria lugar a uma sociedade sem opressão das mulheres e dos trabalhadores (Cross, 1988).

Outra característica importante é a crença na conscientização humana para a transformação social, o que aparece como a herança para a filha dos personagens principais, que deve proclamar a lei do amor e da união para acabar com a luta entre os homens. Não há uma indicação concreta de meios para alcançar essa sociedade pacífica e justa além da mudança moral e conscientização, o que configura uma das características principais do chamado socialismo utópico tão presente no século XIX.

É importante ressaltar que categorizar a literatura de Flora em uma estrutura de sentimento - ou visão de mundo - socialista utópica não a coloca em um lugar de inferioridade em relação ao socialismo científico. Suas diferenças não configuram uma relação hierárquica de saberes, sendo cada um deles a expressão de uma época.

Em *Méphis, le prolétaire*, Flora Tristán foi capaz de expressar a realidade social de muitos trabalhadores do século XIX, a vida aristocrática materialista, a situação das mulheres no casamento, o movimento literário romantista e a visão de mundo dos intelectuais socialistas utópicos de sua época, adicionando a ela uma perspectiva feminista pouco explorada até então.

BIBLIOGRAFIA

BARRETO, José. **A organização do trabalho, o socialismo científico e o socialismo utópico**. *Análise Social*, segunda série, Vol. 12, No. 47, pp. 562-620, 1976.

BAELEN, Jean. **Flora Tristan: socialismo y feminismo en el siglo XIX**. Madrid: Front Cover. Taurus, 1974.

CROSS, Máire Fedelma. **The relationship between feminism and socialism in the life and work of Flora Tristan (1803-1844)**. University of Newcastle Upon Tyne, 1988.

GOLDMANN, Lucien. **Sciences humaines et philosophie**. Paris: Presses universitaires de France, 1966.

GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GROGAN, Susan K.. **Flora Tristan: Life Stories**. Routledge London and New York, 1998.

TRISTAN, Flora. **União operária** (1843). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo y literatura**. Buenos Aires: Las Cuarenta, 2012.